

Quando Jehovah deliberou tirar do Egypto o povo hebreu, Moysés, embora creado no quente regaço de uma princeza e habituado á sumptuosidade dos palacios reaes, foi, como agora os rapazes elegantes de São Paulo, o primeiro a cingir os rins e a pôr-se em marcha. Entre o Egypto e a Terra da Promissão, entre a servidão e a liberdade, havia as ondas do Mar Vermelho e a esterilidade do Deserto, a traição e as conjuras, o derrotismo dos pusillanimes e o desfallecimento dos homens de pouca fé. O mar, porém, se abriu para dar passagem aos filhos de Jsrael. Do ceu caiu o maná que alimentou o povo no deserto. Os rochedos jorraram agua, para o descedentar. A terra fendeu-se para engulir os trahidores. E Josué, que jamais perdera a confiança na victoria, viu cahirem as muralhas de Jericó ao clangor dos seus clarins.

A historia se repete.

Sobre o exercito da lei, povo em marcha para um ideal, paira evidentemente a bençam de Deus. Em si proprio encontrou os recursos de que necessitava. Se soffreu a infamia da traição externa e interna, não perdeu nem perderá a fé. E por isso vencerá, ainda que a victoria exija, como ao povo eleito, o sacrificio de uma geração. Se a sorte das armas nos fôr adversa, teremos perdido uma batalha. Mas uma batalha não é a guerra. Esta, havemos de ganhar, porque o S. Paulo dos bandeirantes resuscitou e nunca mais será crucificado.

(Discurso proferido pelo Ministro Costa Manso em 31 de Agosto de 1932).